

novos  
contos

um é pouco  
dois é bom  
três é melhor

três contos de  
roque antonio de soares junior\*

---

\* Roque Antonio Soares Júnior, o Roquinho, é natural de Padre Paraíso, cidade incrustada no Vale do Jequitinhonha, e atualmente vive na capital mineira. Como profissão, ele optou por ser brincante, pesquisando, catalogando, ensinando e divulgando brincadeiras tão essenciais na formação do ser humano.

## Ana

Sabe, Ana, há um perfume que me persegue, cheira a mar e me persegue há anos. Não me lembra a infância, dor ou um beijo, surgiu do oco do não vivido e persiste fugaz e rígido feito um segredo de encosta e mar, remoto e irrelatável por força de um pacto não feito:

*Se damos com a língua nos dentes o nosso time não ganha! O olho da morte espreita!...*

Talvez seja a idade, Ana, e você ausente. Esta clareza rude sobre o limite das coisas, lembranças sem raízes me doendo nestas salinas... (talvez chova à noite, talvez não, e isso me comove).

Mas de que importa, vê? Dissolvo meus segredos sem temer o azul suspenso das possibilidades, pois já sei ferida a mão de todas as querências, e cada vez mais o gosto de um anseio único e bastante:

NÃO SER INFELIZ.

O que me custa a poesia, a luta, o cinema?

Não sou infeliz, Ana, quase sempre comovido de mim mesmo, mas não infeliz. E por força desta fissura (ausência, saudade, você) neste meu querer só, é que lhe escrevo sem aguardar que leia, que me entenda, sem saber de sua casa.

Os seus passos pelo jardim, o seu olhar e o dia me envolvendo...

Muito para o meu não ser infeliz. Basta a sua voz e o seu corpo etéreo ventando nos braços da manhã seguinte.

Responda por esta porta entreaberta por quem quer que me visite, nesta sua carta que me acalma por que há de vir do dia e dirá:

Ouçã, Pablo!

Sempre que te olho com a piedade deste sorriso diáfano te compreendi inteiro e profundo, te desejei e temi.

Me afasto porque não posso em mim o que não tem limites...

Dessa sua carta, Ana, canção do longe, já me pousou aos ouvidos um rumor, seu grito:

O adeus, o fim

todo o mais já não espera me basto.

## De extrato artificial de vida, na antessala do mundo

No instante em que a moça desentendeu, um zumbido crescente rasgou a escuridão, a realidade gotejou no ritmo das luzes em pânico e num turbilhão de sons e impressões visuais vagas se impôs juntamente com a claridade plena, dissolvendo a fantasia que fundo se instalara em mim, tanto e tanto, que muito mais do que

olhos, pela alma violentada, foi que me apercebi do signo da realidade puramente estético ressurgido lento em estrutura fria, vil, cheirando vida e verdades eternas. Permaneci imóvel na antessala do mundo. Calculei que por cem dias me esquecia na solidão da luta por não voltar à tona, até que de pensamentos nebulosos uma chuva de desesperança dissolvesse o meu estado e permitisse um sol reaquecendo os sentidos. Articulei movimentos suaves, escorreguei pela cadeira até ganhar o teto cerúleo em intenções, mendigo de estrela e divaguei no seu silencioso traço de onde despandiam, sem segredos, rumores de passado esquecido.

Ouvi:

...Sim, é assim que devem ser as coisas, não nos cabem buscas. Afinal, de que nos valeria uma razão que não redime. O que está em nós não se renderia à complexa fragilidade dos fatos dissecados que impulsionam a ação, está em nós como uma lei e pronto...

Um choro resignado veio e se extinguiu sem forças. Imaginei quem assimilaria a vida e traduziria em ideia tão rígida e desprovida de acessos. Em seguida, um gargalhar metálico, repleto de prazer sincero escapou do coração de quem matara a família.

Cem anos se passaram, e na perfeição do imperfeito instante, momento em que a realidade habita a casa dos sonhos — equilíbrio —, não constituíram passado, apodrecidos os anos acumulavam-se aos meus pés, exalando a mais complexa solidão.

Cem anos desde o rompimento, até que aquele zumbido, agora em ordem inversa, anunciasse a reinstauração do império da ilusão. Primeiro o som decrescendo, depois a confusão das luzes e, por fim, a concepção: a completa escuridão, ocultando de mim mesmo as

razões de aflição e dor. Aos poucos fui me nutrindo de sentimentos alienígenas projetados, desprovidos de verdade calcinante: DE EXTRATO ARTIFICIAL DE VIDA, NA ANTESSALA DO MUNDO.

Trinta anos depois recomeçaram pelo fim, terras áridas estavam cobertas de verde, todas as faces de saudade, nada se conservara a ponto de ser reconhecido, somente a moça que desentendeu se preservara exatamente igual e ao seu passo tudo era como antes.

Uma música funda embebia a tela de uma solidão minha e ritmava o compasso do que se repetia:

ILUSÃO, ENTRA, A CASA É SUA...

Meu Deus! Que maravilha,

a ilusão lhe obedecia

e ao seu passo tudo era como antes.

## Olhos de mosca

Moscas varejeiras sobrevoam lentas sob a tarde escura e tropical. Fora de mim o dia é claro e se arrebenta contra os vidros da janela amparando a sua sombra suave, silhueta dourada inerte ante a corte.

Atualpa diz:

— “Sim, me chamo João para morrer”.

“e um gancho atravessou a garganta do Peru.”

Permaneces inerte e comovida, sustentas no seio o rosto inocente da América transpassada.

Eu cá com minhas moscas aguardo um olhar enquanto você diz:

— Isso me lembra Drummond, não o poema, mas o profundo que ele causa.

Lê novamente em voz alta, espera um comentário.

Penso no quanto este canto foi importante para mim e que talvez tivesse sido melhor não compartilhá-lo com você, distante, impossível nos meus dias.

As moscas se infernizam,

sinto chegar a tempestade anunciada, que haverá de transbordar,

inundar a casa,

naufragar nossas vidas.

Ainda que nos olhes.